

# A CASA-GRANDE DA FAZENDA SACO DO MARTINS, EM CAICÓ

Jeanne Fonseca Leita Nesi

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

JOÃO DAMASCENO PEREIRA DE ARAÚJO, coronel da Guarda Nacional, foi batizado na Capela do Acari, pelo vigário do Seridó Francisco de Brito Guerra. Filho de Antônio Pereira de Araújo e de Maria José de Medeiros, João Damasceno nasceu no dia 11 de maio de 1827. Casou-se no dia 27 de setembro de 1845, com sua prima legítima, Tereza Alexandrina de Jesus, nascida aos 8 de maio de 1829, filha do casal Manoel Lopes Pequeno e Ana Maria da Circunção. O casamento foi providenciado pelo avô dos nubentes, Tomás de Araújo Pereira, terceiro do nome, que governava a Província do Rio Grande do Norte em 1824.

Tomás alegava que se achava perto de morrer, e desejava deixar a neta, a quem criava desde tenra idade, devidamente casada.

Até o ano de 1868, João Damasceno dirigia a política de Acari, residindo na sua fazenda Bulhões, situada na Bacia de Gargalheiras. Naquele ano, Damasceno transferiu a política local ao seu sobrinho Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1921).

Em 1868, por motivos familiares, João Damasceno transferiu-se para a fazenda do Saco do Martins, no município caicoense, onde

de residiu até o seu falecimento, ocorrido aos 13 de novembro de 1908.

No ano seguinte, aos 4 de maio, faleceu d. Tereza Alexandrina de Jesus. O inventário do Cel. João Damasceno foi processado em Caicó, achando-se arquivado no 1º Cartório daquela cidade. O inventário de Teresa, processado em 1912, também se encontra no mesmo cartório.

Segundo dados biográficos do Coronel, escritos pelo Dr. Juvenal Lamartine de Faria, "foi um belo tipo de sertanejo: — alto, forte e notável cavaleiro, era muito respeitado, em todo o Seridó, por suas qualidades de caráter e por sua energia".

O escritor Manuel Rodrigues de Melo, em seu livro "Patriarcas & Carreiros", também descreve diversos episódios ocorridos com o Cel. João Damasceno

do Saco do Martins... A tradição seridoense ainda recorda as prisões dos cangaceiros Pereirão e Negro Roque, façanhas realizadas pessoalmente pelo coronel João Damasceno. O negro Inácio da Catingueira, segundo do nome, quis forçar intimidade com o proprietário do Saco do Martins, o que lhe custou uma dúzia de palmatoradas aplicadas pelo coronel, de nada lhe valendo as suas qualidades de ser "o mimo dos homens

do Seridó", negro bemquisto e estimado...

A Fazenda do Saco do Martins já existia desde, pelo menos, o ano de 1781. É mencionada no histórico de uma data e sesmaria concedida naquele ano, ao capitão Manuel Vieira de Melo, pelo governo da Paraíba.

Com o falecimento do cel. João Damasceno, em 1908, o Saco do Martins passou, por herança, à sua filha Porfíria Pereira Saldanha, casada com Delmiro da Silva Saldanha. Em 1923, a fazenda foi adquirida pelo Engº Pedro Gorgônio da Nóbrega, pertencente atualmente aos seus herdeiros.

A Saco do Martins sempre foi uma fazenda de criação de gado e plantação de algodão. À época do dr. Pedro Gorgônio da Nóbrega, a propriedade chegou a produzir 10.000 arrobas de algodão (160 toneladas).

A casa-grande da Fazenda Saco do Martins foi construída sobre um lajedo, possivelmente por volta de 1870. Trata-se de uma vivenda típica da região seridoense.

Solidamente construída, tem espessas paredes externas medindo 55 cm. Apresenta coberturas em duas águas, voltadas para as suas fachadas principal e posterior.

Possui um alpendre frontal, com a cobertura apoiada atualmente em colunas de alvenaria, que substituíram as colunas primitivas confeccionadas com aroeira, madeira

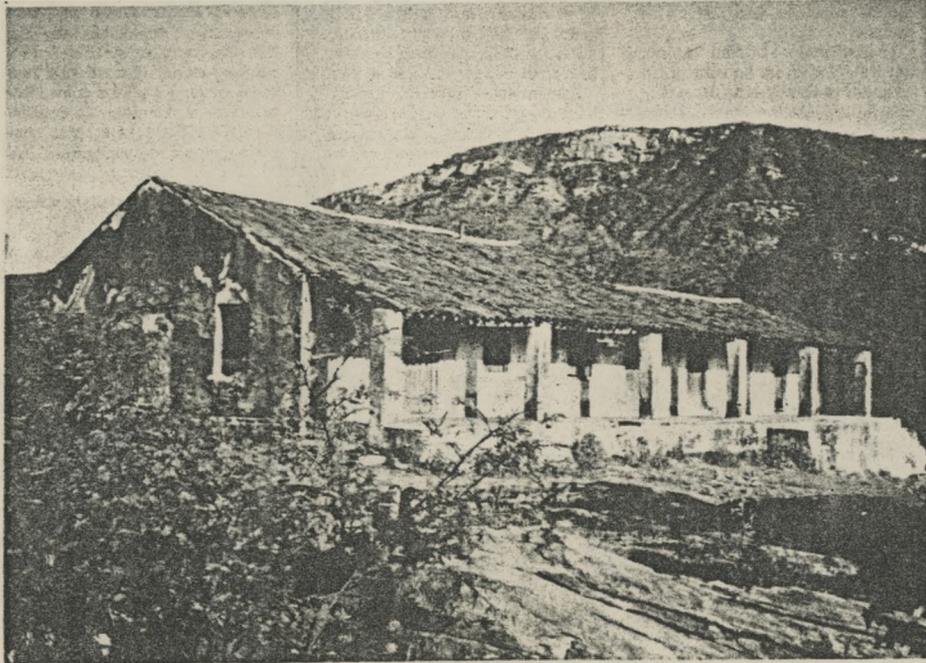
extraída da própria fazenda e que então abundava às margens do rio.

A fachada principal, com 17 metros de largura, possui quatro portas e duas janelas, todas de madeira pintada e assentadas em vãos de vergas retas.

A casa, edificada mais elevada que o nível do terreno adjacente, tem o seu acesso feito através de uma escada lateral, construída no ponto inferior do lajedo. Aquela lateral da casa teve a sua cobertura rebaixada por volta do ano 1926. Anteriormente existia ali um sótão, vazando por várias seteiras destinadas à segurança da casa, na hipótese de um ataque de cangaceiros.

Existem ainda nos fundos da casa-grande, os alicerces de uma senzala, que ali funcionou no século passado.

A casa-grande apresenta-se praticamente inalterada em sua feição original. As últimas modificações sofridas datam da década de vinte, quando Pedro Gorgônio da Nóbrega demoliu o primitivo sótão e substituiu as colunas do alpendre.



**FONTES:** —————, por Dr. Luciano Alves da Nóbrega. Idem, por Ovídio Medeiros Filho, "Patriarcas & Carreiros", de Manuel Rodrigues de Melo, 2ª edição. Iracema Pongelli Editora, Rio de Janeiro, 1984; "Apontamentos para a História Territorial da Paraíba", de João de Lira Teófilo, Paraíba, 1988; "Relembrando o Passado (Acari-RN)", de José Pinheiro Fernandes e Luiz G.M. Bezerra. Zoonograf - L. Lobo, Natal (RN), s/d; outros documentos consultados com o autor.